



## *IMPERIAL*

### Galeota

**Incorporação:** 1808s.

**Naufração:** 1920s.



(Acervo: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha)

A Galeota *Imperial*, também denominada como *Galeota de D. João VI*, que está exposta no Espaço Cultural da Marinha, no Rio de Janeiro, é a embarcação mais antiga preservada no Brasil.

A Galeota *Imperial* foi a primeira e única embarcação a ter esse nome, em homenagem ao Príncipe Regente e, depois, Rei de Portugal Dom João VI. Com a chegada do Príncipe Regente Dom João à Bahia, em 1808, o Conde da Ponte, então governador, mandou construir essa embarcação no Arsenal da Capitania para o serviço particular do príncipe. Construído das melhores e preciosas madeiras, tinha um belo camarim e na proa a carranca de um dragão, símbolo da Casa dos Bragança.





Tem as seguintes dimensões principais: 24 m de comprimento; 3,6 m de boca (maior largura); 1,25 m de pontal (altura da quilha à borda); e 0,9 m de calado. Sua propulsão pode ser a remo ou a vela. Tinha inicialmente 22 remos, cada um deles guarnecido por dois remadores (chamados, então, de “algarves”); depois, foram acrescentados mais oito remos. Os remadores ficavam expostos ao tempo, mas, para os passageiros, existe um formoso camarim.

Em sua construção foram utilizadas diversas espécies e variedades de madeira, como ocorre, geralmente, na construção naval, usando-se, para cada parte da embarcação a madeira que por suas qualidades é a mais adequada. Há informação de que as cavernas e o tabuado do costado são de duas variedades de tapinhoã – “tapinhoã amendoim e tapinhoã argelim”. O camarim é de cedro e sua bancada de peroba. Algumas peças são de outras espécies, como o frade, por exemplo, que é de massaranduba.

Chegou ao Rio de Janeiro, vinda da Bahia, rebocada por um navio a vela, após onze dias de viagem, a 4 de janeiro de 1818, tendo, no caminho, arribado na cidade de Campos, durante quatro dias, devido a um temporal. Em 28 de março, recebeu, no Arsenal do Rio de Janeiro, 23 “algarves” – 22 remadores e um proeiro, ou moço de proa (para ajudar nas atracações e desatracações) –, que tinham vindo em um dos navios da Esquadra portuguesa, ficando eles às ordens do patrão-mor desse Arsenal. Eram homens livres, não eram escravos. Usavam um uniforme especial, com jaqueta vermelha, calças e camisas brancas. Na cabeça, uma barretina de veludo vermelho, tendo na frente uma chapa de prata, com as armas reais. Há notícia de que, após a Independência, as peças vermelhas desse uniforme foram substituídas por verdes e a chapa da barretina passou a ostentar as armas imperiais brasileiras.

Consta que o primeiro patrão dessa Galeota foi Francisco Laranja, que fora patrão-mor do Arsenal de Lisboa, antes de vir para o Brasil. Aqui faleceu e foi enterrado no convento de Santo Antônio, em 1819.

Houve outras galeotas no Rio de Janeiro. As mais importantes serviam para transportar membros da Família Real na Baía de Guanabara. Seu principal emprego era para levar ou trazer pessoas dos grandes navios oceânicos, que ficavam fundeados no meio da Baía, mas





serviam também para passeios ou para viagens dentro dessa Baía. Portanto, eram utilizadas quando esses membros da Família Real iam a Niterói ou a Paquetá.

Uma gravura dessa época, baseada em desenho de Debret, mostra a galeota que transportou D<sup>a</sup> Leopoldina do navio para terra, quando de sua chegada ao Rio de Janeiro. Isto ocorreu antes de ter vindo da Bahia a Galeota que, atualmente, está exposta no Espaço Cultural da Marinha, que foi a única delas que resistiu ao passar do tempo e, sem dúvida, a mais importante; trouxe para terra as outras imperatrizes brasileiras, D<sup>a</sup> Amélia Augusta de Leuchtemberg e D<sup>a</sup> Tereza Cristina; e serviu para transportar D. João VI, em 1821, para o navio que o levou de volta a Portugal. Foi utilizada durante todo o século XIX e início do XX. No Período Republicano, foi ainda usada em ocasiões importantes, como no desembarque do Rei Alberto da Bélgica e no de presidentes de países visitantes. É interessante observar que, em algumas outras ocasiões, também foi utilizada como embarcação funerária, como no caso do transporte do corpo de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência, de Niterói para o Rio de Janeiro.

Verifica-se que a *Galeota de D. João VI* sofreu algumas modificações no passado, além do acréscimo de remos e remadores, já referido anteriormente. O Brasão de Portugal, existente no painel de popa antes da Independência do Brasil, foi substituído pelo do Império. O camarim foi restaurado no Estaleiro Prado Peixoto, na Ponta da Areia, em Niterói, antes da visita ao Brasil do Presidente da Argentina Júlio Roca. Não existem mais os vestígios de algumas partes da decoração, como as armas e os dragões dos Bragança, que desapareceram, provavelmente após a Proclamação da República.

Os entalhes da decoração da Galeota são preciosos. A figura de proa é uma serpente marinha estilizada, o verdugo (proteção lateral do casco) dourado reproduz em madeira um cabo (corda) de fibra torcida e o painel de popa, muito decorado, além das armas imperiais, tem também duas belas cornucópias douradas. O leme é um golfinho.

Em 1910, transportou para o cais do Arsenal de Marinha, o Presidente eleito da República Argentina, Dr. Roque Sáenz Peña, e comitiva em visita ao Brasil.





## Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



Durante o ano de 2008, comemorou-se o bicentenário da Transmigração da Família Real para o Brasil. O fato histórico mereceu diversas comemorações que estimularam projetos importantes, como a restauração da *Galeota de D. João*.

A Galeota ainda existe, tendo passado por diversas remodelações, encontrando-se em exposição, no Espaço Cultural da Marinha, no Rio de Janeiro.